

que o príncipe também ficou satisfeito com o seu *Ngoma*.

Duas semanas mais tarde, mandei chamar novamente os chefes kikuyu. No dia do *Ngoma*, disse-lhes, eu me encontrara em uma situação difícil, pedira-lhes ajuda e tinham me ajudado, agora queria agradecer-lhes. Entreguei a cada um deles um presente, já não me lembro se um tapete de especial qualidade ou uma cabra.

Um homem muito velho, depois que haviam tido alguns minutos para deixar que minha mensagem calasse em seus espíritos, chegou-se a mim e falou:

— Agora você nos disse, *Msabu*, que no dia do grande *Ngoma* você se viu numa situação difícil, e nos pediu ajuda, e ajudamos você. Agora quer nos agradecer, e por isso deu um presente a cada um de nós. Podemos agora dizer uma coisa a você?

Este é um modo de falar comum aos nativos; não há muito como recusar o pedido, mas depois deve-se estar preparado para qualquer coisa. Disse ao velho que ficasse à vontade para dizer-me o que gostaria.

— *Msabu* — ele falou, com muita força e satisfação — gostaria então de lhe contar algo sobre o que temos conversado muito entre nós, por causa de que estamos felizes. Acharmos que na noite em que o *Toto a Soldani* veio aqui ver nossos moços e nossas virgens dançarem, de todas as *Msabus* presentes, você era a que tinha o vestido mais bonito. Fez bem aos nossos corações, *Msabu*, ainda faz bem aos nossos corações quando pensamos nisso. Pois todos nós achamos que aqui na fazenda, todos os dias, você anda terrivelmente mal vestida.

Não o contradisse. Na fazenda, eu geralmente usava velhas calças compridas cáqui manchadas de óleo, lama e sujeira. Percebi que meu pessoal temera que, em uma ocasião histórica para a fazenda e quando eu apelara para que dessem o máximo de si, eu os deixasse mal.

Em atenção às minha leitoras, farei um parêntese para explicar que, por ocasião da visita do príncipe, havia quatro

anos que eu não ia à Europa e não tinha uma idéia clara sobre o que estava na moda lá.

Assim, pedi à casa em Paris que tinha minhas medidas e que iria fazer meu vestido que seguisse suas próprias noções a respeito do que seria realmente chique. “*Nous sommes convaincus, Madame,*” escreveram de volta, “*que vous serez la plus belle.*” Tiveram o bom senso de fazer para mim, no auge da moda do vestido *chemise* — nada mais do que duas linhas verticais começando abaixo das axilas e terminando acima do joelho — o que se chama de um *robe de style*, sem muitas probabilidades de sair de moda, com uma ampla saia-balão, em brocado prateado. Acho que fez bem aos corações de meu pessoal ver-me, em meio às esguias mulheres do jantar, inchar de repente em inesperado volume.

Já que na minha conversa com os velhos chefes eu tinha chegado àquele tema muito agradável do meu vestido, queria ouvir mais sobre o que pensavam a respeito. Mas nesse momento Farah entrou em cena, seguido por Kamante carregando uma gamela de madeira cheia de *tombacco* — rapé — para meus convidados. Tinha um ar aprovador mas, ao mesmo tempo, severo. Não era insensível à popularidade, mas estava resolvido a manter os Kikuyu em seu lugar e eu no meu.

— Espere um pouco, Farah — eu disse — estou falando com os velhos, eles estão falando comigo.

— Não, *Memsahib* — disse Farah. — Não. Estes Kikuyus já falaram bastante sobre este vestido. Está na hora de seu *tombacco*.

Então vieram os tempos difíceis na fazenda, e minha certeza de que não poderia mantê-la. E então começaram minhas sempre repetidas viagens a Nairóbi, com tristes objetivos tais como acalmar meus credores, procurar obter um preço melhor para a fazenda e, ao final de tudo, quando na verdade já tinha perdido a fazenda e tornava-me, por assim dizer, uma inquilina em minha própria casa, para assegurar a meus colonos o pedaço de terra na Reserva onde, segundo seu dese-